

**ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL
E REESCRITA DE TEXTO:
OS GÊNEROS TEXTUAIS
NAS PRÁTICAS ESCOLARES DE ENSINO DA LINGUAGEM.**

Luciana de Queiroz Lima (UNIFESPA)

lucianaql2009@hotmail.com

Paulo da Silva Lima (UNIFESPA)

RESUMO

Muitos docentes já devem ter ouvido de seus alunos que estudar língua portuguesa é chato, ou ainda questionarem o porquê de se estudar uma língua que ele já sabe. A razão desses e de muitos outros questionamentos está na forma como o ensino de língua materna vem acontecendo nas escolas. Muito se fala em redirecionar o ensino de linguagem para trabalhar a partir de textos, e daí surge o questionamento: Como direcionar o ensino de linguagem incluindo estudos de gramática na prática de escrita e a reescrita de textos produzidos pelos alunos nas aulas de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental? Com esse projeto de pesquisa-ação pretende-se investigar estratégias de ação para o ensino de linguagem, voltadas ao desenvolvimento e ampliação das competências comunicativo-interacionais dos alunos, partindo dos estudos sobre gêneros textuais, sobre uma perspectiva funcional.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Produção textual. Gramática.

1. Introdução

A escrita, como forma de linguagem, não pode ser encarada apenas como objeto de estudo, mas como atividade constitutiva e constituidora de sentido no universo social; em vista disso, o processo de ensino da escrita não pode ser desprovido do “outro” em função do qual se escreve. “Há sempre um interlocutor, ao menos potencial” (BAKHTIN, 1997, p. 16) a quem nosso discurso se dirige e de quem nosso discurso recebe apreciação. Assumir essa proposição, nessa perspectiva, é contrapor-se a forma como o ensino de língua vem acontecendo nas escolas.

Sabe-se da necessidade de se redirecionar o ensino de língua materna considerando sua funcionalidade, uma vez que a linguagem é social. Entretanto o que se observa nas aulas de língua portuguesa, salvo algumas exceções, é um ensino somente de regras gramaticais. Não que seu ensino não seja necessário, é sim importante ensinar gramática, o que não deve acontecer é que as aulas de língua materna se resumam somente a isso.

Irândé Antunes (2007) acredita que a aprendizagem da língua tem que ser contextualizada. Segundo a autora, tudo o que interessa no ensino da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas (ANTUNES, 2007, p. 130). Apresentar o estudo da linguagem de forma contextualizada faz o aluno refletir sobre a língua, assim como o leva a pensar sobre seus usos e sua funcionalidade uma vez que essa está diretamente ligada a um contexto social. Sendo assim, o trabalho em atividades de escrita e reescrita de textos, não deve ser direcionado para apontar os "erros" dos alunos, mas sim como um sistema de atividades que englobem leitura, produção e análise linguística.

Considerando este posicionamento nasce a questão: Como ensinar produção de texto para os alunos, incluindo reflexões sobre questões gramaticais? Partindo deste questionamento inicial surge a necessidade de refletir e repensar a atuação docente, culminando na elaboração de um projeto de pesquisa-ação que pudesse proporcionar momentos de reflexão e análises de práticas de ensino de linguagem em atividades de escrita e reescrita de textos. Tais reflexões podem ainda cooperar para desmistificar muitos equívocos relacionados ao ensino de língua portuguesa uma vez que tenta demonstrar que o ensino de linguagem não deve ser fragmentado.

O presente artigo tem o objetivo de apresentar o projeto de pesquisa-ação elaborado para o mestrado profissional em letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Esta pesquisa será realizada em uma turma de nono ano do ensino fundamental na escola municipal de ensino fundamental Henrique Francisco Ramos no município de Xinguara – Pará.

2. Contribuições do projeto: justificativa

Observa-se nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental (salvo algumas exceções) que a prática do ensino de linguagem continua acontecendo baseado na regra pela regra, da memorização de nomenclaturas, a partir de frases soltas e sem sentido. Alguns professores utilizam o texto, entretanto somente retirando deles palavras e frases e assim continuando apenas com um ensino normativo e classificatório.

Ao longo dos últimos anos, observou-se no discurso de muitos alunos recém-saídos dos cursos de graduação em letras alguns “equívocos” quanto ao ensino da linguagem. Irândé Antunes (2007) afirma que

esses muitos equívocos fortalecem o preconceito linguístico, além de resultar em práticas inadequadas de ensino, principalmente quando se trata do ensino de gramática. Muitos professores afirmam que somente a leitura e a análise de textos (interpretação), sem nenhuma sistematização com a gramática seriam suficientes para o ensino de língua materna, e existem ainda aqueles que defendem que para garantir um ensino eficaz basta estudar gramática.

Esses profissionais devem conceber que toda atividade com a linguagem é uma atividade regulamentada, pois o falante já traz consigo interiorizados muitos conhecimentos que não são levados em conta pela escola. Geraldi (1997) já evidenciava a urgente necessidade de se levar em consideração tais conhecimentos e partindo deles ampliá-los a luz da interação, evidenciando a urgência de se estudar a língua a partir de textos reais.

Para ensinar a língua deve-se então valorizar a gramática que o falante já traz interiorizada, uma vez que ela já garante o “mínimo” necessário à comunicação em uma sociedade. Entretanto, deve-se considerar que em uma sociedade existem situações em que o falante necessitará adequar sua fala ou sua escrita, utilizando convenções, obedecendo a certas normas, tidas como “padrão”. Enfatiza-se assim a necessidade de se pensar em um ensino de linguagem evidenciando seu uso e destacando sua funcionalidade, ou seja, utilizando situações reais de comunicação.

Irândé Antunes (2007) acredita que a aprendizagem da língua tem que ser contextualizada. Segundo a autora, tudo o que interessa no ensino da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas. A autora destaca que o texto é a única forma de se estudar a língua, pois “a gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da linguagem”. (ANTUNES, 2007, p. 130)

Estudar a linguagem de forma contextualizada faz o aluno refletir sobre a língua, assim como o leva a refletir sobre seus usos e sua funcionalidade uma vez que essa está diretamente ligada a um contexto social. Nessa perspectiva, o trabalho com a gramática, em atividades de escrita e reescrita de textos, não deve ser direcionado para apontar os “erros” dos alunos, mas sim como um sistema de atividades que englobem leitura, produção e análise linguística.

Nesse sentido, este estudo é relevante à medida que pode contribuir para a atuação docente, proporcionando momentos de reflexão e análises de práticas de ensino de linguagem em atividades de escrita e re-

escrita de textos. Tais reflexões podem ainda cooperar para desmistificar muitos equívocos relacionados ao ensino de língua portuguesa uma vez que tenta demonstrar que o ensino de linguagem não deve ser fragmentado.

3. O que vai ser investigado: problema

Quando se fala no ensino de língua materna muitas são os questionamentos que poderiam ser elencados. Entretanto diante das reflexões acima realizadas o problema gerador para a elaboração deste projeto é o seguinte:

- Como direcionar o ensino de linguagem incluindo estudos de gramática na prática de escrita e a reescrita de textos produzidos pelos alunos nas aulas de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental?

4. Pretensões da pesquisa: objetivos

Na tentativa de esclarecer e direcionar o foco da pesquisa-ação elencou-se os seguintes objetivos:

4.1. Objetivo geral:

- Investigar estratégias de ação para o ensino de linguagem, voltadas ao desenvolvimento e ampliação das competências comunicativo-interacionais dos alunos, partindo dos estudos sobre gêneros textuais, sobre uma perspectiva funcional.

4.2. Objetivos específicos:

- Levantar dados sobre a prática de ensino de linguagem;
- Formular estratégias de ação para o estudo de gramática na prática de escrita e reescrita do gênero resenha de filmes de forma interativa;
- Desenvolver as estratégias formuladas com práticas de produção e reescritas textuais dos alunos;

- Sistematizar os resultados obtidos.

5. *Revisão da literatura: fundamentação teórica*

Muitos docentes já devem ter ouvido de seus alunos que estudar língua portuguesa é chato, ou ainda questionarem o porquê de se estudar uma língua que ele já sabe. A razão desses e de muitos outros questionamentos está na forma como o ensino de língua materna vem acontecendo nas escolas. Apesar dos muitos estudos linguísticos, o que acontece é que muitos profissionais ainda optam por um ensino tradicional, no qual a gramática é o único objeto de estudo e ignoram um longo percurso de descobertas científicas.

De modo geral, esse é o pensamento de muitos, não só dos professores de língua portuguesa. A maioria das pessoas acredita que estudar português é estudar as regras gramaticais, ou seja, aprender nomenclaturas, pois é a isso que o ensino dessa disciplina se resume atualmente na maioria das escolas.

Irândé Antunes (2007) afirma que as pessoas esquecem que ao se referirem à gramática, podem não estar falando de uma coisa só, mais de coisas diferentes, pode se falar, por exemplo, em gramática com regras que definem o funcionamento de uma língua; ou das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em “a gramática da norma culta”; ou como uma perspectiva de estudo (a gramática gerativa, a gramática funcionalista); pode ainda estar se referindo a uma disciplina escolar ou a um livro. Enfim é preciso perceber essas acepções em suas particularidades.

Ao se estudar a língua deve-se levar em consideração que “a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos” (ANTUNES, 2003, p. 42). Logo as aulas de língua materna não devem ser fragmentadas como vem acontecendo, separando gramática, produção e interpretação de textos.

Essa dimensão interacional e discursiva da língua já vem sendo discutida há muito tempo. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) já estabeleciam que os conteúdos de língua portuguesa deveriam se articular em torno do uso da língua oral e escrita e da reflexão acerca dos usos.

Neves (2012) também vê a importância de se seguir para o ensino de língua trilhando “um caminho que vai da criação, da pura vivência, do uso, à teoria, porque é esta que, necessariamente, há de sustentar qualquer viés da metalinguagem”. (NEVES, 2012, p. 31).

Para se articular o ensino de língua portuguesa em torno desses dois grandes eixos, uso e reflexão, o professor deve então partir de situações reais de utilização da língua, levando em consideração que o ensino deve partir do texto. Pois, segundo Antunes (2007, p. 130), “o texto é a forma prioritária de se usar a língua”.

Sabe-se que o trabalho com textos em sala de aula não deve acontecer também sem qualquer objetivo, como vem acontecendo em muitas escolas, onde os alunos escrevem para serem avaliados ou somente para que o professor leia e corrija os “erros”. É preciso também acabar com o mito de que texto bom é aquele texto sem erros ortográficos. A escrita escolar deve ser realizada com a finalidade de se estabelecer vínculos comunicativos, ou seja, os alunos devem desde cedo serem estimulados a escrever textos reais, com fins específicos, cientes de que para cada situação deverão adequar sua produção, seja ela oral ou escrita.

Destaca-se aqui a relevância de se trabalhar em sala de aula os diferentes gêneros textuais, uma vez que ele é social, que regulariza a atividade comunicativa e que todos nós utilizamos e dominamos algum gênero, seja ele formal ou informal. O gênero pode ser considerado como língua viva. Como os falantes já dominam algum tipo de gênero (oral e/ou escrito) fica mais fácil partir desses conhecimentos para ensinar/aprender outros gêneros.

Segundo Antunes (2007) somente “o fato de se indicar de que gênero se trata já implica a consciência de uma diferenciação formal e funcional” (ANTUNES, 2007, p. 47), ou seja, o fato de o professor deixar claro seu objetivo no momento da produção textual já implica uma tomada de consciência por parte dos alunos. O professor deve partir dos conhecimentos que o aluno já possui ampliando-os, buscando trabalhar em conjunto com a produção, a leitura e os aspectos gramaticais.

A escrita de um texto deve ser vista como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que ainda não se sabe, ampliando assim os conhecimentos sobre a linguagem. O ensino de língua não deve ser pautado somente no ensino de gramática, entretanto deve-se reconhecer sua importância principalmente para mostrar como

os textos funcionam, ou quais as pistas que um texto dá para o leitor ser capaz de construir sentidos.

Muitos professores afirmam pautar suas aulas no ensino de textos, mas o que se observa de modo geral é que muitos utilizam o texto somente como pretexto, realizando leituras sem qualquer análise da intencionalidade do autor e retirando deles frases ou orações para ensinar nomenclaturas. Irlandé Antunes (2007) destaca a importância de se diferenciar o que são regras de gramática e o que são apenas estudos da terminologia gramatical. Para a autora somente o ensino de gramática (como terminologia, classificação) não é suficiente para os exercícios reais das atividades com a linguagem, “e o pior é que o que se ensina nas escolas não chega de fato a ser gramática relevante para o exercício, em textos, da linguagem”. (ANTUNES, 2007, p. 70)

O problema central dos cursos de línguas – materna e estrangeira – está longe de ser *não ensinar gramática*. É, antes, não ensinar *apenas* gramática; e, muito mais, é não ensinar apenas nomenclatura e classificação gramatical. Portanto, não se está propondo menos. Pelo contrário, se está pretendendo *muito mais*. (ANTUNES, 2007, p. 51)

Irlandé Antunes (2007) comenta o que ocorre nas escolas, ou seja, pouco se explicita sobre o conjunto de normas textuais e sociais do uso da língua. Segundo a autora, não se pode esperar que o falante sozinho descubra e compreenda esse conjunto tão complexo e heterogêneo de regras e normas.

Para estudar a língua não se deve esquecer ainda que ela não está pronta e acabada, que é social e está em constante uso, por isso está sempre em transformação; são seus usuários que a adequam as suas necessidades e às situações. Nesse sentido, devem-se considerar o trabalho com os diferentes gêneros textuais em sala de aula, pois “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia”. (MARCUSCHI, in DIONISIO et al., 2007, p. 35)

Sendo assim, não podemos abolir de vez as aulas de gramática do ensino sistematizado, pois o seu estudo é necessário, o que não pode acontecer é as aulas de língua portuguesa se resumirem somente ao ensino de nomenclaturas como vem sendo evidenciado. Segundo Neves (2014), as atividades com a gramática na escola devem levar a reflexões de diferentes situações, não se pode então isolar a gramática da linguagem.

Do mesmo modo no ensino da produção de texto, deve se articular a leitura e a reflexão dos aspectos gramaticais. Para isso o professor deve trabalhar os diferentes gêneros textuais, orais e escritos, pois quanto mais gêneros os alunos dominarem, mais acesso eles terão a cidadania. Logo, o objetivo para as aulas de linguagem seria o de tornar os alunos capazes de assumirem uma atuação comunicativa relevante, crítica, consistente e adequada a cada situação interativa.

6. Metodologia adotada

A pesquisa que se pretende desenvolver terá como enfoque metodológico norteador à fenomenologia, uma vez que “A ideia fundamental, básica, da fenomenologia, é a noção de *intencionalidade*. Esta intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. Isto tende a reconhecer o princípio que não existe objeto sem sujeito”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 42-43)

Essa noção de intencionalidade na pesquisa verifica-se desde a primeira motivação para sua realização, que, sem dúvida, envolve profundamente a pessoa do pesquisador. Dessa forma, o sujeito pesquisador também é um elemento a ser considerado na pesquisa, uma vez que sua presença sempre é sentida pelo objeto estudado, o que acaba refletindo em tal elemento.

Ao considerar nossa área de estudos – o ensino – como integrante do mundo que se constitui na complexidade, optou-se pela pesquisa qualitativa, por entender que esta compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significado.

Dentre as possibilidades oferecidas pela abordagem qualitativa, optamos por adotar a metodologia da pesquisa-ação, uma vez que a própria natureza do estudo orienta para esta escolha. Entende-se que a pesquisa ação é uma forma de ação planejada, e possibilita, aos participantes, condições de investigar sua prática de forma crítica e reflexiva, na qual se busca estratégias que visam encontrar soluções para os problemas.

Nesse tipo de pesquisa o pesquisador após diagnosticar um problema, formula estratégias para uma ação transformadora da realidade detectada, em seguida desenvolve e avalia as ações planejadas para posteriormente ampliar e compreender os resultados obtidos, tentando assim

encontrar soluções. Esse ciclo deve acontecer em forma circular, ou seja, em processo constate para assim alcançar os objetivos almejados.

Para a realização da pesquisa inicialmente será feito um levantamento de dados sobre o ensino de produção de texto na escola onde será realizada a pesquisa. Para isso, serão utilizados questionários e entrevistas semiestruturadas aplicadas aos professores e coordenadores pedagógicos vinculados a unidade de ensino em que acontecerá a pesquisa e também uma análise documental (livro didático, PPP e documentos oficiais de nível estadual e nacional).

Diante da realidade apresentada propõe-se um estudo voltado para a realização de atividades práticas em sala de aula, que visam melhorar o ensino e aprendizagem de língua materna através da prática de produção e reescrita do gênero textual resenha de filmes. Essa pesquisa será realizada no município de Xinguara, na escola municipal de ensino fundamental Henrique Francisco Ramos, em uma turma de 9º ano do ensino fundamental. As atividades desenvolvidas serão analisadas buscando o aprimoramento de ações e para observar sua relevância na resolução do problema apresentado.

7. Considerações finais

Neste artigo buscou-se apresentar o projeto de pesquisa-ação elaborado para o curso de mestrado profissional em letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Como ele ainda está em fase de aplicação ainda não se tem os resultados finais.

Entretanto espera-se que o mesmo possa contribuir com as reflexões a cerca das práticas de ensino de linguagem em atividades de escrita e reescrita de textos. Tais reflexões podem ainda cooperar para desmistificar muitos equívocos relacionados ao ensino de língua portuguesa uma vez que tenta demonstrar que o ensino de linguagem não deve ser fragmentado.

Nota-se que não podemos abolir de vez as aulas de gramática do ensino sistematizado, pois o seu estudo é necessário, o que não pode acontecer é as aulas de língua portuguesa se resumam somente ao ensino de nomenclaturas como vem sendo evidenciado. Segundo Neves (2014), as atividades com a gramática na escola devem levar a reflexões de diferentes situações, não se pode então isolar a gramática da linguagem.

Do mesmo modo no ensino da produção de texto, deve se articular a leitura e a reflexão dos aspectos gramaticais. Para isso o professor deve trabalhar os diferentes gêneros textuais, orais e escritos, pois quanto mais gêneros os alunos dominarem, mais acesso eles terão a cidadania. Logo, o objetivo para as aulas de linguagem seria o de tornar os alunos capazes de assumirem uma atuação comunicativa relevante, crítica, consistente e adequada a cada situação interativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando "o pó das ideias simples"*. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino da língua sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014.

DE PIETRI, Émerson. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

DIONISIO, Angela Paiva et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FRANCHI, Carlos et al. *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola, 2006.

MACHADO, Anna Rachel. *Linguagem e educação: o ensino e aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MATTA, Sozângela Schemim da. *Português: linguagem e interação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores*. São Paulo: Parábola, 2014.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. Ensino de português como elemento consciente de interação social: uma proposta de atividade com texto. *Ciências & Letras*, Porto Alegre: FAPA, n. 17, p. 189-198, 1996.